

## A EVOLUÇÃO DO ACESSO DA MULHER AO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DOS INGRESSANTES DA UFRPE

Énery Gislayne de Sousa Melo<sup>1</sup>; Lidiane Maria de Souza<sup>2</sup>; Orientador: Alexandro Cardoso Tenório<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, [enerygmelo@gmail.com](mailto:enerygmelo@gmail.com); <sup>2</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, [lidianemariadesouza@gmail.com](mailto:lidianemariadesouza@gmail.com); <sup>3</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, [actenorio@gmail.com](mailto:actenorio@gmail.com)

**Resumo:** O acesso de mulheres em diversos espaços vem sendo pesquisada. Pesquisas indicam que o número de mulheres e de homens no Brasil é bastante equilibrado, contudo há ambientes em que ainda possui dificuldade de inserção e permanência, ou ainda, de promoção para cargos de chefia (COSTA, 2016). Compreender o contexto da universidade pode ajudar a entender outros ambientes profissionais. Assim, este trabalho apresenta os resultados de um estudo exploratório, como primeira etapa de uma investigação mais ampla, sobre o acesso das mulheres no ensino superior, tendo como foco a Universidade Federal Rural de Pernambuco entre o período de 2006 a 2016. A metodologia da pesquisa consistiu nas fases de coleta, tabulação e análise da evolução do ingresso de homens e mulheres no período, de modo geral e por área de conhecimento. Os dados foram obtidos no site da universidade e foram analisados por meio de análises estatísticas descritivas em planilha eletrônica. Para se explorar o comportamento dos ingressos do gênero feminino ao longo do período, foram adotadas várias formas diferentes abordagens: comparativo entre os sexos do número de ingressos no período de 2006 até 2016; comparativo entre os sexos do percentual em relação ao turno e o comparativo percentual entre os ingressos homens e mulheres em relação ao total acumulado de ingressantes no período de 2006 a 2016 por Grupo de Cursos. Os cursos foram reunidos nas áreas de: Ciências Humanas e Sociais (Administração, Ciências Econômicas e Ciências Sociais), Ciências Agrárias (Agronomia, Economia Doméstica, Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária e Zootecnia e Engenharia Agrícola e Ambiental), Ciências Biológicas (Bacharelado em Biologia), Formação de Professores (as Licenciaturas em Biologia, Matemática, Computação, Química, Letras, Pedagogia, Física e História), Ciências dos Alimentos (Gastronomia e Segurança Alimentar e Engenharia de Alimentos) e Computação-Informática (Sistemas de Informação e Bacharelado em Ciência da Computação). Os resultados indicaram que, de modo geral, houve uma evolução positiva do número de ingressantes mulheres na instituição, um aumento proporcionalmente similar ao de homens. Contudo, tendo em vista que a população de mulheres no Estado de Pernambuco é superior ao de homens, 53.84% de mulheres e 46.16% de homens, consideramos que esse resultado ainda precisa ser melhorado. Outro resultado importante é que houve uma procura semelhante por homens (52%) e mulheres (48%) pelos cursos de Formação de Professores.

**Palavras-chaves:** Mulheres, universidade, gênero

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que à mulher, historicamente, foi designada à atribuição de cuidar das crianças e dos afazeres domésticos e ao homem de provedor. Mas, isso não quer dizer que, a mulher não tivesse as mesmas capacidades intelectuais de prover a família. Ao passar do tempo, eventos como as guerras, a mudança do mundo do trabalho etc., promoveram mudanças nesse cenário. A mulher foi se inserindo em universos predominantemente masculinos. Eis o caso de Marie Curie, ela foi a primeira mulher a exercer a função de professora da Universidade de Paris, em 1906. As contribuições de Marie Curie para a Ciência são excepcionais, seu ativismo científico não poderia passar despercebido pela História da Ciência. Contudo, quantas outras mulheres não puderam ter seus nomes escritos nos livros?

No Brasil, o acesso da mulher aos cursos universitários foi “concedido” em 1879. Quase 10 anos depois, formou-se a primeira mulher, no curso de Medicina na Bahia. Contudo, pesquisas demonstram que há uma “guetização sexual” (COSTA, 2016), em relação às áreas de conhecimento. Estudos demonstram que a trajetória escolar diferenciada, construída historicamente, deixa ainda hoje suas marcas no ensino superior. Se desde o ensino básico o reconhecimento da figura feminina é marginalizado, como teremos aumento do quantitativo de mulheres atuando em Ciências? Mas, a sociedade atual é muito diferente daquela de 1879. Um estudo elaborado pelo O Pew Research Center (PRC) apresentou o mapa de distribuição de homens e mulheres no planeta. O estudo demonstra que o número de homens e mulheres é praticamente equivalente, mas há uma distribuição desproporcional em algumas regiões. No Brasil, para cada 100 mulheres há 96,7 homens.

Por outro lado, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) divulgou o relatório “Gender in the Global Research Landscape” da Elsevier (2017). O relatório aponta que o Brasil é o país onde há menor desigualdade do número de homens e mulheres pesquisadores. Contudo, o mesmo relatório indica que esse quadro se deve às áreas de Medicina e Ciências Biológicas. Além disso, deve-se perceber a tímida participação feminina nos cargos de chefia e de direção (LETA, 2003).

Esse cenário reforça a necessidade de aprofundar os estudos sobre a presença feminina na área de Ciência e Tecnologia. Compreender a participação de homens e mulheres nas universidades, investigar possibilidades de mudança desse quadro e proporcionar igualdade de acesso e permanências às mulheres. Uma forma para isso, pode ser o desvelar da história das mulheres na academia e sobre sua contribuição à produção do conhecimento científico.

Este estudo faz parte de uma investigação exploratória com o objetivo de compreender o ingresso de homens e mulheres em uma universidade pública. Neste trabalho, apresentamos os primeiros resultados de uma análise da evolução do número de alunos e alunas ingressos em cursos de uma instituição federal de ensino superior, no período de 2006 até 2016.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa pode ser classificada como do tipo exploratória, uma vez que pretende fazer uma abordagem ao tema, sem esgotar outras possibilidades de compreensão ou usar seus resultados para estabelecer generalizações (OLIVEIRA, 2005). Para estudar a evolução do número de mulheres nos cursos de ensino superior foram analisados os números de alunos e alunas ingressantes, no período de 2006 até 2016.

As informações necessárias foram obtidas através do site da instituição investigada. O ano inicial da pesquisa foi selecionado, pois os dados de anos anteriores não foram localizados no site. A análise estatística descritiva dos dados foi realizada por meio de planilha eletrônica. Os cursos da universidade investigada foram classificados em 6 grupos de áreas de conhecimento, tomando-se como referência um estudo realizado por Melo e Santiago (2009): Ciências Humanas e Sociais, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Formação de Professores, Ciências dos Alimentos e Computação-Informática.

## **RESULTADOS**

A Universidade investigada, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) foi uma das primeiras instituições que aderiu aos programas de interiorização e de expansão do ensino superior, entre os anos de 2004 e 2009. No ano inicial da pesquisa, em 2006, ela ofertava vagas em 27 cursos de Graduação presencial. Nos anos seguintes, a universidade foi ampliando o seu número de cursos, atingindo o total de 39, em 2016.

O número total de ingressantes em 2006 era de 1.815; em 2016, o total de ingressos foi de 3.272. O acumulado de estudantes ingressos no período de 2006 até 2016 é de 31.618. Em relação à composição desse universo, observou-se que é composto por 54% de homens e 46% de mulheres. Uma segunda análise teve como foco demonstrar a evolução do número de estudantes homens e mulheres ao longo dos anos, em relação ao total de ingressantes. O gráfico apresentado através da

Figura 1 (seguinte) apresenta o número absolutos de ingressantes por sexo ao longo de cada um dos anos do período.

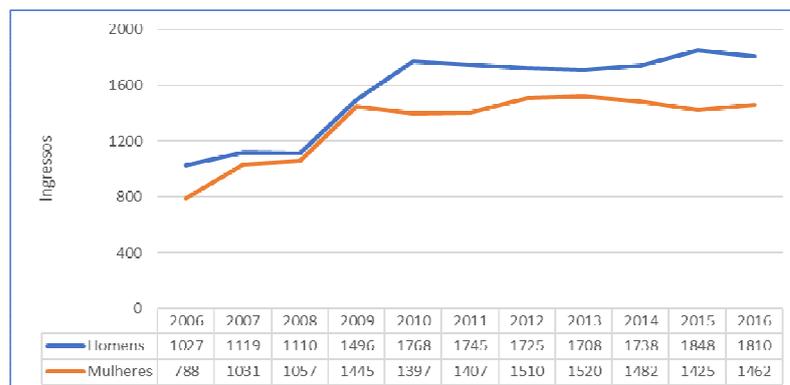


Figura 1 – Ingressos em números absolutos na UFRPE por sexo de 2006 a 2016. Fonte: PROPLAN e PREG/ UFRPE

A partir da Figura 1, pode-se perceber que o número de ingressantes homens foi sempre maior que o número de mulheres. Destaca-se ainda que a diferença entre homens e mulheres foi menor nos anos de 2008 e 2009, quando as retas quase se sobrepõem. No sentido contrário, os anos de 2009 e 2015 apresentaram uma diferença maior no número de homens e mulheres ingressantes. Os anos de 2008 e 2009 coincidem com a implantação de 9 cursos pela universidade. Infere-se que este evento, provavelmente, contribuiu para o aumento de número de mulheres ingressantes.

Dando prosseguimento as análises gerais, foi realizado um comparativo entre o número de ingressos nos anos de 2006 e 2016. Em 2006, o número de ingressantes homens era de 1.027; em 2016, esse indicador alcançou o número de 1.810. Assim, observa-se um aumento do número de homens de, aproximadamente 76%. Em relação ao número de mulheres, em 2006, o número de ingressos era de 788; em 2016, esse número foi para 1.462, caracterizando um aumento de 85%. Esse fato sugere um aumento da presença da mulher em relação aos homens.

Uma outra análise foi realizada com o objetivo de identificar comportamento dos ingressantes por sexo em cada turno (manhã, tarde e noite). Inicialmente, foram verificados os percentuais de ingressos em cada turno no período de 2006 até 2016. Percebeu-se que 29% dos ingressos era dos cursos matutinos, 32% era dos cursos vespertinos e 39% dos cursos noturnos. Em seguida, foi estudada a concentração de homens e de mulheres em cada turno, em relação ao somatório total de ingressos no período de 2006 até 2016. O turno mais procurado pelas mulheres foi o da tarde (51%), seguido pelo turno manhã (49%). Os homens, por sua vez, demonstraram mais interesse pelo turno da noite (61%).

Uma outra análise realizada teve como foco perceber o comportamento dos ingressantes por sexo por área. Cada área foi sinalizada com um código conforme descrito a seguir: Humanas e

Sociais (G1); Agrárias (G2); Ciências Biológicas (G3); Formação de Professores (G4); Ciências dos Alimentos (G5) e Computação-Informática (G6). Foi realizado o somatório de ingressantes no período de 2006 a 2016 de cada área. Em seguida, identificou-se a participação em termos percentual de homens e mulheres ingressos para cada grupo. O gráfico da Figura 3 (a seguir) apresenta os resultados dessa análise.

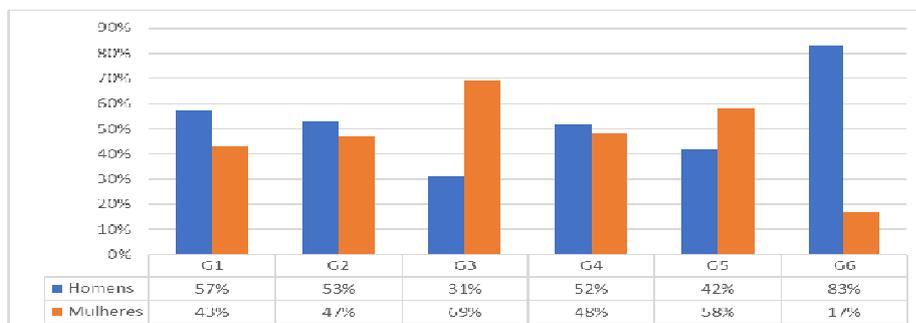


Figura 2 – Comparativo percentual entre os ingressos homens e mulheres em relação ao total acumulado de ingressantes no período de 2006 a 2016 por Grupo de Cursos. Fonte: PROPLAN e PREG/ UFRPE

Da Figura 2, pode-se observar um interesse maior dos homens pelos cursos dos grupos G6 (Ciência da Computação e Sistema de Informação) e G1 (Administração, Economia e Sociologia). Os cursos menos procurados pelos homens estão localizados no grupo G3 (Biologia) que, por sua vez são os cursos mais procurados pelas mulheres junto com os cursos do grupo G5 (Engenharia de Alimentos e Gastronomia). O grupo menos procurado pelas mulheres é o G6 (Ciência da Computação e Sistema de Informação). Esse cenário reforça os resultados das pesquisas de Costa (2016), que identificou uma maior inclusão das alunas da UFRGS nos cursos da área de Biológicos e dos alunos nas áreas de Exatas e de Tecnologia. Além disso, resultados de outros estudos, como por exemplo de Gisi (2006) apontam um maior ingresso de mulheres nos cursos das áreas de Saúde e Educação. Os resultados apresentados pela Figura 2, demonstram que há uma procura semelhante por homens (52%) e mulheres (48%) pelos cursos de Formação de Professores.

## CONCLUSÕES

Os resultados identificados na pesquisa parecem se alinhar com estudos realizados em instituições de outras regiões do país. Assim, como a UFRGS (COSTA, 2016) o ingresso de mulheres na UFRPE concentra-se nas áreas de conhecimento de Ciências Biológicas e Educação. Em relação aos turnos dos cursos, o maior acesso feminino ocorreu nos turnos da tarde e da manhã. Os homens, por sua vez, demonstram maior procura pelos cursos noturnos. Os dados coletados não

permitiram alcançar o (s) motivo (s) desse cenário. Pode-se atribuir à natureza dos cursos ofertados, mas também, devido questões sociais e econômicas, tais como, a violência das cidades que inibe a presença feminina nos cursos noturnos ou as demandas profissionais, etc.

Outro resultado importante é que o número de homens e mulheres vem crescendo de forma proporcionalmente igual na UFRPE. Ou seja, o processo de expansão de vagas e de criação de novos cursos parece não ter alterado expressivamente o perfil da universidade em relação à proporção entre homens e mulheres. Em 2006, havia 1.30 alunos para cada aluna; em 2016, esse indicador foi de 1,23.

Os resultados obtidos e apresentados neste trabalho permitem uma compreensão parcial da evolução da mulher à UFRPE. Foi demonstrando que o estudo da questão de gênero na Ciência não é algo trivial, requer várias abordagens diferentes (quantitativa e qualitativa) e de extrema relevância para uma “desguetização” dos espaços científicos.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Priscila Trarbach Costa. **O acesso da mulher ao ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. Amsterdam, 2017.

GISI, Maria Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 17, p. 97-112, 2006.

LETA, Jacqueline. As Mulheres na Ciência Brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

SILVA, Emanuely Arco Iris. **Ciência no feminino: um estudo sobre a presença da mulher docente na pós-graduação da UFPE**. Dissertação (Mestrado) - Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2015

SILVA, Maria Fernanda; LOURENÇO, Valdelino; SILVA, AgdaTailane; NANES, Gisele. Gênero e ciência: oficinas sobre mulheres cientistas em escola pública de Garanhuns (PE). **Anais... 18º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR**. Pernambuco, Recife, 2014.